

Dança

Ignorando diversidade, peças caem na mesmice

Helena Katz

ESPECIAL PARA O ESTADO

O programa que o Balé da Cidade de São Paulo dança na Galeria Olido até hoje é formado por cinco coreografias curtas de Gleidson Vigne, Joaquim Tomé, Marisa Bucoff, Igor Vieira e Jaruam Miguez, bailarinos da companhia. Elas são acompa-

nhadas por um duo de Itzik Galili, e por *Cantares*, que Oscar Araiz criou em 1982 para o Balé de Genebra, do qual era diretor. Dada a natureza do material reunido nas peças que a antecedem, vale começar por ela, que encerra o espetáculo.

Araiz tem a maestria de saber como usar os passos em um sentido metafórico, impedindo

que sejam aquela espécie de áudio descrição da música, vício praticado por tantos coreógrafos – cilada da qual também não escapam quase todos os bailarinos que assinam as cinco outras composições (exceto Marisa Bucoff). A escolha das sonoridades vai em uma mesma direção: faz da incidência melódica ou rítmica as condutoras do gesto.

Para cada nota, uma “mímica”, dentro da concepção dramaturgicada proposta por cada um.

De onde virá essa coincidência? Possivelmente, das sintonias estreitas entre os ambientes nos quais cada bailarino se formou. Lembremos que o corpo é uma coleção de informações que nunca se completa porque vai sendo transformada no contato com as coisas que vai encontrando pelo mundo. No momento em que alguém se dispõe a criar, reproduzirá a coleção de informações que o forma naquele instante de sua vida.

No caso destes bailarinos, que desejam ser coreógrafos e convivem no Balé da Cidade, compa-

nhia na qual dançam atualmente, eles vêm sendo alimentados por um certo entendimento de dança, que tem no duo de Galili, uma caricatura precisa. O abuso do clichê das pantomimas que compõem *O Balcão do Amor*, com música de Perez Prado e criada para o BCSP este ano, escore para um desenho de personagem raso como os de um programa de humor de TV.

Como poderiam escapar do que os vitima se esse modo de lidar com música, figurino e iluminação é a tônica do que os alimenta artisticamente? Seria imperativo que outros tipos de dança, distintos daquele que tece seus hábitos cognitivos, passassem a com-

por as suas informações. Todavia, não é esse, de modo geral, o cotidiano de um membro de uma cia profissional, infelizmente. O bailarino tende a ficar restrito ao que dança, conhecendo pouco a diversidade do que o cerca.

Ah, sim, não se pode esquecer que o que povoa o mundo youtubesco também acaba aparecendo nas criações que vão surgindo.

Mas, como se sabe, ver trechos de dança na telinha constitui uma experiência que tende a enfatizar passos e desempenhos. Quanto a esses dois aspectos, todas as cinco obras atendem bem: todas esbanjam um mesmo desejo de “inventar” vocabulário e são bem dançadas.